

ESPIRAL PÓS-MODERNA

Michel Maffesoli¹

O fim do mundo não é o fim do mundo. Mas a agonia da modernidade nos incita a pensar o que virá sucedê-la. O que alguns, e inclusive eu, chamam a « pós-modernidade », na falta de nome melhor. Sim, estou falando da « **pós** » modernidade, e não do que o conformismo lógico-intelectual qualifica de : segunda modernidade, hipermodernidade, modernidade tardia e outras loucuras do mesmo tipo. A casa está queimando, e queremos salvar os móveis ! Por conta disso, algumas banalidades básicas devem ser lembradas :

- a história mostra repetidamente que todo desmoronamento pode ser o gatilho de uma Renascença.

- para isso, nós devemos transformar uma fraqueza em uma virtude ; e isso no sentido forte, ou seja, em uma força.

- estando claro que é necessário, desde já, encontrar as palavras menos falsas possíveis ; pois, como se sabe : « nomear mal as coisas contribui com a miséria do mundo » !

O que dizer então dessa pós-modernidade ? Rapidamente, à prevalência dos grandes valores ocidentais sucede o que eu chamei de « orientalização do mundo ». São esses « orientes míticos » que precisamos, ao mesmo tempo, identificar e analisar.

É, certamente, sempre arriscado « remexer » as marmitas do futuro. Podemos, no entanto, dar algumas indicações, juntar algumas pistas, com o objetivo de indicar grandes tendências. Ainda mais já que vemos a volta, ligeiramente modificada, do que pensávamos estar ultrapassado. Para ser mais preciso, não se trata de um « eterno retorno » do mesmo, mas, como indicava em seu tempo o filósofo Nicolas de Cusa, de um crescimento cuja

¹ Professor Emérito da Université de Sorbonne, França. É doutor em Sociologia e Letras e Ciências Humanas e discípulo de G. Durand. Tem diversas premiações acadêmicas, entre elas é Doutor *Honoris Causa* pelas Universidades de Bucareste (Romênia), Braga (Portugal), PUC Porto Alegre (Brasil) e Universidade Autônoma do Estado do México (Toluca de Lerdo, México).

paisagem toma a forma da espiral. Para dizê-lo de forma ainda mais clara, se devêssemos definir, provisoriamente, a pós-modernidade, poderíamos definí-la como : « **a sinergia de fenômenos arcaicos e do desenvolvimento tecnológico** ».

É assim que, para retomar os grandes temas explicativos da modernidade : Estado – nação, instituição, sistema ideológico, podemos constatar, no que diz respeito à pós-modernidade, a volta do local, a importância da tribo e a gambiarra mitológica.

Primeiramente, o local. Primeiro índice da heterogeneização galopante que percorre nossas sociedades. É interessante, quanto a isso, notar o retorno em força, nos diversos discursos sociais, de termos como o de « país », « território », « espaço », que se referem todos a um sentimento de pertencimento reforçado, à troca emocional. Ou seja, ao fato de que o local cria laços. Um laço que não é abstrato, teórico, racional. Um laço que não se constituiu a partir de um ideal longínquo, mas, pelo contrário, que se fundamenta, organicamente, na possessão comum de valores enraizados : língua, costumes, cozinha, posturas corporais. Todas coisas cotidianas, concretas, que aliam em um paradoxo mais do que aparente o material e o espiritual de um povo. Deve-se refletir sobre o assunto : tal materialismo espiritual, vivido localmente, é o que vai, cada vez mais, substituir o político em suas diversas modulações.

Enraizamento dinâmico como causa e efeito da fragmentação institucional. De fato, as diversas instituições sociais, que se tornaram cada vez mais abstratas e desencarnadas, não parecem mais à altura da exigência reafirmada de proximidade. Daí a emergência de um neo-tribalismo pós-moderno que repousa sobre a necessidade de solidariedade e de proteção que caracteriza todo o conjunto social. Nas *selvas* de pedra que são as megalópoles contemporâneas, a tribo assume o papel que era seu na selva *stricto sensu*.

Assim, é incrível constatar que as diversas instituições não são mais contestadas ou defendidas. Elas estão simplesmente « corroídas » e servem de leito a microentidades fundadas na escolha e na afinidade. Afinidades eletivas que encontramos no seio dos partidos, das universidades, sindicatos e outras organizações formais, e que funcionam segundo as regras da solidariedade de uma franco-maçonaria generalizada. Isso ocorre, é claro, para o melhor e para o pior. Tribos religiosas, sexuais, culturais, esportivas, musicais, seu número é infinito, sua estrutura é idêntica : entreajuda, compartilhamento de sentimentos, atmosfera afetuosa. E podemos supor que tal fragmentação da vida social venha a se desenvolver de forma exponencial, constituindo assim uma nebulosa intangível sem centro preciso nem

periferias discerníveis. O que resulta em uma socialidade fundada na concatenação de marginalidades das quais nenhuma é mais importante que a outra.

É uma dessas estruturas sociais que induz o que podemos chamar de gambiarra mitológica. Talvez seja pouco oportuno falar do fim das ideologias. No entanto, é possível constatar sua transfiguração. Elas tomam outro rosto. O das pequenas narrações específicas, próprias, é claro, à tribo que as detém. As « grandes narrações de referência » se particularizam, se encarnam, se limitam à dimensão de um território específico. Daí as práticas linguajares juvenis, a volta dos dialetos locais, o recrudescimento dos diversos sincretismos filósofos ou religiosos.

A verdade absoluta, que deve ser atingida, se fragmenta em verdades parciais que convêm ser vividas. O que desenha bem os contornos da estrutura mitológica. Cada território, real ou simbólico, secreta de alguma forma seu modo de representação e sua prática linguajar : « *Cujus regio ejus religio* ». Daí a babelização potencial que trabalhamos, comumente, a negar ao invocar o espectro da globalização. Na verdade, há várias uniformizações mundiais : econômicas, musicais, de consumo, mas devemos nos perguntar sobre sua verdadeira pregnância. E nos perguntar se a verdadeira eficácia não deve ser procurada do lado dos mitos tribais e de seu aspecto existencial. A comunicação em redes, da qual a Internet dá uma boa ilustração, forçaria assim a repensar, nesse sentido, para a pós-modernidade, o « universal concreto » da filosofia hegeliana.

Se estamos de acordo, hipoteticamente, sobre um local tribal que gera pequenas mitologias, qual poderia ser seu substrato epistemológico ? Empiricamente, parece que o Indivíduo, a história e a Razão dão pouco a pouco espaço à fusão afetiva que se encarna no presente nas imagens comunais.

O termo de indivíduo, eu já disse, não parece mais caber. Ou pelo menos não em seu sentido restrito. Talvez devêssemos falar, no que diz respeito à pós-modernidade, de uma *pessoa* (« persona ») que assume papéis diversos no seio das tribos das quais faz parte. A identidade se fragiliza. As identificações múltiplas, no entanto, se multiplicam.

Os grandes encontros musicais, esportivos, e de consumo são testemunha disso. Em cada um desses casos, se trata de se perder no outro. « Despesa », no sentido de G. Bataille, como busca da fusão. Cada um existe apenas dentro e pelo olhar do outro. E isso funciona, que o outro seja o da tribo de afinidade, que seja a alteridade da natureza, ou ainda o grande Outro que é a deidade. Fusões, confusões de diversas ordens que não deixam de lembrar o

mito dionisíaco. Se trata aqui de um processo que é nada menos que excepcional, mas que remete, pelo contrário, à simples realidade cotidiana. Vários são os fenômenos da vida do dia a dia que são, sem esse processo, incompreensíveis. Em todas as disciplinas o « tornar-se moda » do mundo está em voga. E as « leis da imitação », propostas, de forma « intempestiva », por Gabriel Tarde parecem ser a regra atual.

Em outras palavras, não é mais a **autonomia** : eu sou a minha própria lei que prevalece, mas a **heteronomia**: minha lei é o outro.

Talvez seja essa a mudança paradigmática mais importante. Ela ocorre junto com a inversão do tempo que faz com que a história linear tenha menos importância que as histórias humanas. « *Einsteinização* » do tempo, como já foi dito. Ou seja, o **tempo se contrai em espaço**. Ou seja, o que vai predominar é um *presente* que eu vivo com outros em um dado local. Qualquer que seja a forma de nomeá-lo, um tal presenteísmo vai contaminar as representações e as práticas sociais, principalmente juvenis. É um « *carpe diem* », vindo de memória antiga, que traduz um hedonismo difuso. O gozo não é mais atribuído a hipotéticos « amanhã que cantam », ele não é mais esperado em um paraíso que está por vir, mas ele é vivido, bem ou mal, no presente.

Nesse sentido, o presente pós-moderno se junta à filosofia do « *kairos* » que focou nas ocasiões e nas boas oportunidades. A existência não passa, de certa forma, de uma progressão de instantes eternos que devem ser vividos, da melhor forma possível, aqui e agora. Talvez tenhamos que lembrar, aqui, uma distinção importante. A do drama e do trágico. Quanto mais o drama, em seu sentido etimológico, evolui, tende a uma solução possível, coisas que encontramos no « burguesismo » moderno, mais o trágico é « afórico », ou seja, não busca, não espera soluções, resoluções. Podemos até mesmo dizer que ele repousa sobre a tensão dos elementos heterogêneos.

O último ponto, finalmente, do substrato epistemológico pós-moderno, é a importância que vai tomar a imagem na constituição do sujeito e na constituição da sociedade. Aqui, novamente, devemos ser alusivos, e remeter às análises que abordaram como tal esse problema. Basta lembrar que, no embalo da tradição judaico-cristã, a modernidade foi, essencialmente, iconoclasta. Assim como, na tradição bíblica, o ícone ou o ídolo não permitia a adoração do verdadeiro Deus, « em espírito e em verdade », a imagem ou o imaginário, de Descartes a Sartre, tornava-se obstáculo ao bom funcionamento da razão. Lembremos aqui a expressão filosófica, que se tornou provérbio popular e que faz da imaginação a « *louca da*

casa ». Essa é uma estigmatização que marcou, profundamente, nossos modos de pensar e toda a nossa sensibilidade teórica.

Mas o que observamos hoje, senão o retorno em força dessa imagem negada e renegada? Imagem publicitária, imagem televisual, imagem virtual. Nada se salva. « Imagem de marca » intelectual, religiosa, política, industrial etc., todos e todas as coisas devem se dar a ver, fazer-se espetáculo. Podemos dizer, numa ótica weberiana, que podemos compreender o real a partir do irreal (ou do que tem tal reputação). Acontece que, durante a modernidade, o desenvolvimento tecnológico havia, duravelmente, desencantado o mundo. Podemos dizer que, no que diz respeito à pós-modernidade nascente, é a tecnologia que favorece um **reencantamento do mundo**.

Afim de acentuar tal fenômeno, podemos falar do (re)nascimento de um « **mundo imaginal** ». Ou seja, de uma forma de ser e de pensar atravessada, inteiramente, pela imagem, o imaginário, o simbólico, o imaterial.

Qualquer que seja a forma desse « imaginal » de se exprimir : virtual, lúdico, onírico, ele estará aqui, presente e pregnante, ele não será mais prisioneiro da vida privada e individual, mas será o elemento constitutivo de um estar-juntos fundamental. É tudo isso que pode nos levar a dizer que o social se torna socialidade ao integrar, de forma « holística », os parâmetros humanos que o racionalismo moderno havia deixado de lado. O imaginal é, assim, uma outra forma de atrair a atenção para a sociedade complexa, a solidariedade orgânica que está se preparando, para a « correspondência », no sentido de Baudelaire, entre todos os elementos do ambiente social e natural.

Nossa época é, talvez, mais atenta à impermanência das coisas mais estabelecidas. O que é certo, é que a emergência de valores arcaicos que pensávamos estar totalmente ultrapassados deve tornar-nos atentos ao fato que, se as civilizações são mortais, a vida, curiosamente, perdura. Assim, sem atribuir a esse termo um estatuto conceitual demasiado rígido, a pós-modernidade nascente nos relembra que a modernidade foi uma « pós-medievalidade », ou seja que ela permitiu uma nova composição do estar-juntos.

O vir-a-ser espiralesco do mundo! Quando desfalece a evidência de uma ideia sobre a qual se fundava uma dada civilização, uma outra constelação nasce, integrando certos elementos do que foi, e devolvendo vida a alguns outros que haviam sido renegados.

É levando em conta esse esquema que podemos, de uma forma não judicativa, não normativa, epifanizar as grandes características da episteme pós-moderna. O que M. Foucault

já fez para a modernidade deve ser feito para uma época que se anuncia. Trata-se de um grande desafio que necessita uma postura intelectual audaciosa. Desafio que deve ser levado em conta, se não quisermos que o pensamento seja marginalizado. Ainda mais sabendo que, como dizia Victor Hugo em uma outra época, « **nada para uma ideia cujo tempo chegou** ».

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DURAND, G., *Les Structures anthropologiques de l'imaginaire*, Bordas, 1960.
- _____. *Beaux arts et archétypes*, PUF, 1986.
- MAFFESOLI, M...*L'Ombre de Dionysos* (1982), trad. *A Sombra do Dionisio*. Rio. 1985.
- _____. *Le Temps des tribus* (1988), trad. *O tempo das tribos*. Rio. Forense. 3a ed. 2000.
- _____. *L'ordre des choses*. CNRS Éditions. 2014.
- _____. *Le Trésor caché, lettre ouverte aux Francs-Maçons*. Ed Leo Scheer. 2015.
- MORIN, E., *Pour entrer dans le XXIe siècle*.
- MOSCOVICI, S., *La Machine à faire les dieux*, fayard, 1990.